

Terrorismo Islâmico e Revolução Sexual

Islamic Terrorism and Sexual Revolution

José Osvaldo de Meira Penna*

* Embaixador, escritor e ex-professor da Universidade de Brasília.

Resumo

O ataque terrorista contra Nova York e Washington, desencadeou um número incontável de análises que buscam explicações sobre o ódio implacável que os fundamentalistas cultivam em relação ao Ocidente. Nesta busca, o autor enfoca a questão sexual como cerne da problemática no conflito entre a família patriarcal machista do Oriente e a sociedade sexualmente aberta do Ocidente moderno, mostrando o fosso existente entre as práticas ocidentais, hoje universalizadas, e os costumes medievais do velho Islã.

Palavras-chave: terror; ódio; fundamentalismo; Islam; machismo; questão sexual.

Abstract

The terrorist attack against New York and Washington brought out an uncountable number of analysis that try to explain the implacable hate the fundamentalists maintain in relation to the West. Pursuing this inquiry, the author focus the sexual question as the core of the problem and the conflict between the East patriarchal family and the sexually open modern Western society, showing the existing gap between the Western practices, universalized today, and the medieval customs of the old Islam.

Key words: terror; hate; fundamentalism; Islam; machismo; sexual question.

O ataque terrorista contra Nova York e Washington, assim como a reação americana, estão na ordem do dia. Um sem número de análises da natureza do terror e explicações do ódio implacável que seus Fundamentalistas cultivam em relação ao Ocidente têm sido vastamente difundidas. Elas nos permitem um melhor entendimento de um fenômeno, algo espantoso, que surpreende o mundo e pegou o governo e o público americanos totalmente desprevenidos. Algumas dessas explicações são óbvias. Muitos muçulmanos identificam o Ocidente em geral, e os Estados Unidos em particular, com a presença de Israel no Oriente Médio. Outros não contêm seus ressentimentos pelo declínio das nações islâmicas nos últimos séculos, a maior parte das quais caiu sob o domínio colonial britânico, francês, italiano ou holandês. O atraso econômico e cultural, a ignorância e a pobreza, estimulam esses mais baixos de todos os sentimentos humanos, a inveja, a vingança, o ressentimento. Conhecemos tal reação em nosso próprio país e ela se manifesta por uma relação ambivalente com os EUA. O elemento político, a tradição histórica do embate entre a Cristandade medieval e o Islam, guerras, massacres, a invasão da península ibérica e a subsequente Reconquista, as Cruzadas, o perigo turco quando foram os Balcãs conquistados e, por duas vezes, os exércitos otomanos ameaçaram Viena, no coração da Europa – tudo isso é relevante. O renascimento do nacionalismo árabe no século passado

e a dependência em que se encontra o Ocidente em relação ao petróleo do Golfo Pérsico (uma verdadeira dádiva de Allah), representam outros fatores importantes no quadro complexo em que se debatem os EUA e seus aliados perante uma realidade de difícil caracterização. Longe de mim a idéia de negar a incidência de tais elementos conflituosos no que já alguns definiram como um “choque de civilizações”. Certo: estou convencido que o Islã é o principal obstáculo à globalização da cultura ocidental, hoje encabeçada pelos Estados Unidos. É um obstáculo mais ponderável do que a própria China, *Djung Guó*, o “País Central” como se considera. Paul Johnson, no *Estadão* de domingo 23.9, desenvolve um admirável exame da parte negativa nos famosos versos: *East is East, and West is West, and never the twain shall meet...* Não creio que seja correta a noção, a longo prazo, mas que a conjunção da Europa e da Ásia seja difícil e trabalhosa, não há dúvida.

No presente ensaio quero salientar apenas um aspecto, particularmente flagrante, do que opõe o Fundamentalismo islâmico ao novo mundo da civilização global que tem sua origem na Europa cristã, em seu tríplice berço grego, romano e judaico. Refiro-me à questão sexual. Se a luta que se vai travar é um embate de culturas, com profundas raízes psicológicas e sociais, procurem o cerne da problemática no conflito entre a família patriarcal machista do Oriente antigo e a sociedade sexualmente aberta do Ocidente moderno.

Creio, realmente, que pode ser um encontro fatal: *cherchez la femme*. É do papel da mulher na sociedade; é do privilégio do macho, ao mesmo tempo arrogante, ressentido e temeroso de perder seus privilégios; é da moderna sociedade aberta e global contra a sociedade autárquica, fechada e conservadora que se trata. É do regime da liberdade contra a tradição autoritária, ou totalitária, que se trata, como tão lucidamente notou Vargas Llosa no mesmo número do *Estadão*.

Particularmente relevante em suma, para qualquer pesquisa sobre a globalização, é a reação da sociedade islâmica, essencialmente patriarcal e machista – grave problema que vamos agora enfrentar. Vejam bem: considero que a Revolução sexual e o novo paradigma do que poderíamos classificar como o “relacionamento aberto” entre os sexos, num mesmo nível de direitos, e a nova forma cada vez mais livre de “casamento romântico”, sem qualquer vínculo com os imperativos repressivos da velha família patrimonialista, penetram no cerne da questão. Por motivos sociais históricos complexos, que não temos aqui espaço para aprofundar, encontro nessa perspectiva sexual uma das motivações essenciais do drama que se está desenrolando.

Um pequeno episódio, extremamente sintomático e relacionado com o “fundamentalismo” xiita do Irã, ilustra desde logo o problema. Vou contá-lo porque o fato contém, por si só e como num microcosmo, a variada imagem da conjuntura abordada: foi um incidente aparentemente sem importância, em fins de 1977, no cinema de uma cidade do interior do Irã, em dia de feriado religioso. O filme era americano, comportava uma cena de beijo hollywoodiano. Tal ato é considerado obsceno pelos muçulmanos quando praticado entre homem e mulher, à luz do dia e em local público (ao passo que o beijo na boca entre homens é tido como normal). Atiçada por sacerdotes xiitas, uma multidão enfurecida atacou e incendiou a sala de espetáculo. Mais de uma centena de espectadores, segundo li, morreu carbonizada. A partir da tragédia, a violência se foi alastrando de cidade em cidade, sob o comando dos *Mujahhedin*, os “combatentes dedicados” do extremismo religioso. O caso do cinema “erótico” coincidiu com o massacre de xiitas iranianos na Meca, por ocasião da peregrinação anual. O polícia neles atirou depois que tentaram se apossar pela força dos lugares santos controlados pela família saudita, matando algumas centenas. No que se chamou a Revolução Iraniana, o movimento xiita no próprio Irã acabou engolfando todo o país, derrubando o medíocre Xá-in-Xá Pahlevi, com suas reformas modernizantes que procuravam imitar as de Atatürk na Turquia, e levando ao poder o regime fundamentalista estritamente reacionário do aiatolá, “Sinal de Deus”, Ruhollah Khomeini. A revolução religiosa, que fez centenas de milhares de vítimas, notabilizou-se por horrendas excentricidades, tais como executar um poeta curdo com 102 anos de idade, e uma menina de nove anos, ambos acusados de sentimentos anti-religiosos. Vide a respeito a obra “Tempos Modernos” de Paul Johnson (trad. Instituto Liberal do Rio).

O fosso entre as práticas ocidentais, hoje universali-

zadas, e os costumes medievais do velho Islam pode ser ilustrado por dois livros publicados pelo aiatolá em Paris e traduzido para o francês, nas edições Libres-Hallier, à época em que lá se encontrava exilado. O formalismo legalístico da religião de Maomé, mesmo em assuntos íntimos como a maneira de como se deve urinar e defecar, atinge a extremos que nos parecem de um primitivismo medieval francamente patológicos. O puritanismo xiita inclui a proibição de contato direto com a urina, os excrementos, o sangue, os restos de um cadáver, a pele de homens e mulheres não muçulmanos, bebidas alcoólicas, o esperma, especialmente este, e o suor de um camelo. As proibições podem tornar compulsiva a vida de um fiel obediente aos mandamentos corânicos. As abluções necessárias após um ato de sodomia com um homem são meticulosamente descritas, não existindo, ao que consta, proibição explícita do homossexualismo. As relações conjugais são também pormenorizadamente reguladas. Em outras partes retardatárias do mundo islâmico, um montão de regras absurdas determina o comportamento sexual do homem. Por exemplo, a extensão da parte do pênis que pode penetrar na vagina, durante o período de jejum do Ramadã. O Corão permite, no entanto, um “casamento temporário” com uma mulher cristã ou judia, casamento de 24 horas por exemplo, o que naturalmente muito facilita as coisas... O que nos parece mais grotesco é a postura no que diz respeito à bestialidade. Permissão é dada aos homens, mas não às mulheres, de praticarem atos libidinosos com animais, contanto que do sexo feminino. “Não é recomendado ter relações com animais selvagens, especialmente com uma leoa”... A cópula com animais domésticos é vista com tolerância. A ninguém é permitido olhar, diretamente, para a genitália de outra pessoa, salvo marido e mulher, de maneira que um médico ginecologista só pode examinar a paciente através de um espelho. Na China antiga igual proibição imperava. Os profissionais eram obrigados a examinar as doentes através de uma boneca de marfim onde a mulher indicava as partes em que sentia alguma dor.

Os excessos mais tenebrosos da reação puritana estão se manifestando no Afeganistão, sob o regime absolutista do Taliban. Essa milícia guerrilheira ultra-ortodoxa, que no momento domina a infeliz nação, determina compulsoriamente o corte do cabelo das mulheres e o crescimento da barba dos homens, reduzindo as primeiras a um estado próximo da escravidão. Proibidas de andar nas ruas sem um horrendo véu preto que as cobre da cabeça aos pés, igualmente proibidas de dirigirem automóveis ou exercerem qualquer profissão, as mulheres sofrem de tratamento inferior ao dos homens nos hospitais, não podendo nem serem médicas, nem enfermeiras. As adúlteras são apedrejadas até a morte. Li a história horrenda de uma infeliz criatura que, lapidada, foi levada como morta para o cemitério onde o coveiro percebeu que ainda respirava. Levaram-na então para ser tratada num hospital, e depois reconduzida à praça pública e novamente supliciada. No início do século XXI, eis um retorno ao pior obscurantismo da idade da pedra

lascada. Uma das mais recentes crimes do regime foi a destruição a tiros de morteiro do maior monumento budista da Antiguidade. Poucas vezes um regime totalitário entrou em tão revoltantes e abomináveis exageros no controle do comportamento individual. Os Talebans são novos “*Khmers Rouges*”. Com a diferença que nos ameaçam a todos.

É verdade que, na Idade Média, os teólogos e Santos Padres da Igreja também entravam em detalhes escabrosos sobre o comportamento sexual dos fiéis como, por exemplo, sobre quais as posições lícitas ou ilícitas para o ato sexual, ou se era ou não pecado praticar o coito nas vésperas da sexta-feira santa. A “posição missionária” foi ensinada pelos catequistas protestantes aos *natives* da África e Oceania, cujas mulheres foram obrigadas a vestir saias e cobrir o peito. Mas nenhum deles impingiu as proibições com a meticulosidade fanática, psicopática e assassina desses aiatolás que, afinal de contas, estão escrevendo e mandando em plena transição para o 3º milênio, numa das nações mais civilizadas e cultas da Antiguidade. Curiosamente, pesquisadores ocidentais que estudaram a situação social nos países árabes acentuam que as mulheres ainda grandemente controlam o poder do dinheiro. As considerações acima me fazem lembrar os versos famosos de Lucrécio: *Tantum religio potuit suadere malorum* – “a tantos males pode a religião conduzir”...

Que se leve em consideração, todavia, que a sociedade árabe no período do apogeu de sua civilização, quando a Europa ainda mergulhava nas sombras mais espessas da Idade Média, deve haver sido bastante livre, tolerante e hedonística. Disso testemunham obras como as “Mil e Uma Noites”, “O Jardim Perfumado” e outras que, ao Ocidente, foram reveladas no século XIX por esse extraordinário aventureiro, explorador, escritor, poliglota e diplomata que foi Sir Richard Burton. Burton (†1890), um homem de muitos talentos que contribuiu para a descoberta das nascentes do Nilo e do lago Victoria, e foi o primeiro europeu a entrar (disfarçado) na Meca, desempenhou um papel importante ao transmitir ao Ocidente o gosto pelo erotismo oriental – da Índia e do Islam. Desprovido de preconceitos, foi uma espécie de “super-homem” nietzscheano no sentido que efetuou uma “transmutação de todos os valores”, contrária à moral vitoriana. Podemos considerá-lo como pioneiro do tropicalismo e orientalismo inerentes à Revolução sexual. Ele serviu em Santos como Cônsul, numa época em que a cidade era uma espécie de fim do mundo.

Sociedade sensual e exótica, sem dúvida, mas sempre sob domínio do homem, o machismo do Islam estaria, possivelmente, associado ao caráter historicamente sempre despótico do poder político nos Estados mahometanos. Desprovidos de concepções democráticas de lei civil, confundindo o poder político com o poder religioso, e desconhecendo as estritas regras de sucessão que disciplinavam as antigas monarquias da Europa – com o controle moral mais ou menos rígido do comportamento dos autocratas pela Igreja – os reinos muçulmanos facilmente degeneraram para a tirania mais atrabiliária. A política do capricho do soberano estendeu-

se então, naturalmente, para o terreno do sexo. Muly Ismail (†1727), um Sultão do Marrocos conhecido como “o Sangrento”, parece haver sido aquele que levou seus impulsos libidinosos às últimas consequências. Ele teria tido 888 herdeiros vivos, dos mil e tantos que gerou. A cifra estaria registrada no *Guinness*, certamente um *record*. Mas a política de dominar uma nação estendendo seus filhos e parentes a todos os postos da administração tem sido seguida por outras dinastias, como a da Arábia Saudita. É o patrimonialismo elevado à última potência. Na América do Sul, um caudilho venezuelano, Juan Vicente Gomez (†1935), pôs em prática um método semelhante de domínio, de tal modo que quase todos os generais, ministros, governadores de estados, chefes de polícia e embaixadores eram membros da família do ditador. Não conheço a opinião do sargento bolivariano Chávez a respeito desse caudilho, pior do que aquele que Vargas Llosa descreve como o “bode”...

Devemos portanto salientar, nesse terreno de debate, as circunstâncias e o papel desempenhado pela imagem cinematográfica de efeito universal. Os muçulmanos fundamentalistas declararam guerra ao cinema americano e os guerrilheiros do Afeganistão queimam as películas onde quer que as encontrem. Todos costumam reagir vigorosamente contra o que consideram as atitudes escandalosas dos ocidentais em relação ao sexo. Recordo a surpresa que tive ao ouvir um colega, diplomata de uma nação islâmica e ele próprio indivíduo culto e bastante sofisticado, manifestar seu repúdio e colérica indignação com o espetáculo “escandaloso” de mulheres que, no verão parisiense, se exibem de peito descoberto (*topless*) às margens do Sena. Num artigo excepcional no *The Sunday Times* de Londres (reproduzido em *O Estado de São Paulo* de 30.9.2001), Bryan Apleyard chama apropriadamente a atenção para “a blasfêmia contra o solo sagrado islâmico” que é cometido pela presença de tropas americanas na Arábia Saudita, o país onde se encontram, precisamente, Meca e Medina, as duas cidades santas da religião maometana nas quais não é permitida a entrada de nenhum “infiel” (embora possam esses mesmos mahometanos entrar em qualquer cidade cristã ou judaica, inclusive Roma e Jerusalém. Apleyard refere-se especificamente a uma foto amplamente veiculada de duas soldadas num jipe, com as blusas desabotoadas até a cintura, dirigindo pelo deserto árabe. Essa foto teria bastado, segundo o crítico e ensaísta inglês, “para inflamar a sensibilidade de milhares de devotos muçulmanos e lançar os mais instáveis deles aos braços dos extremistas”.

Eminentemente privado, a revelação da nudez feminina ou do ato sexual constitui uma blasfêmia inominável e intolerável à lei de Allah. Se mesmo o ato de urinar comporta privacidade, o que dizer da fornicação! É como se o segredo da *omertà* masculina houvesse sido traído. Hoje em dia, em alguns países como o próprio Irã, o Afeganistão e a Arábia Saudita, esta governada pela dinastia sunita fortemente puritana de Ibn Saud, é proibido o uso de antenas parabólicas, assim como a importação ou funcionamento de

aparelhos de TV ou vídeo. As telas dos televisores, como explica uma das autoridades locais, apresentam “programas ocidentais caracterizados por atitudes profanas” [...] “com todo tipo de maldade e corrupção” (Nenhuma menção é feita, no entanto, sobre as novelas da Rede Globo)... Mais do que o cinema, a tecnologia da Televisão e a Internet irá eventualmente superar as barreiras nacionais e suas alfândegas, num desafio que o fundamentalismo dificilmente conseguirá eliminar, mesmo trancando-se como numa caverna neolítica ou atirando aviões contra edifícios americanos.

O Harém (em árabe *hârim*, significando “proibido”), a poligamia e o que, na Índia, é conhecido como *pardah* (cortina), o que quer dizer, a segregação das mulheres, juntamente com a obrigação do porte do véu, são velhas e sólidas instituições que representariam uma antiga herança semítica, com influências iranianas. Foram introduzidas por Maomé no Corão, sob inspiração de refugiados judeus ortodoxos de Medina que ao “Profeta” transmitiram todos os princípios mais elevados de sua ética. O dualismo iraniano, particularmente o maniqueísmo, contaminou por outro lado essa religião de beduínos sem qualquer profundidade metafísica. O que é válido no Corão já estava, mil anos antes, na Torah judaica.

É possível que a experiência histórica de invasões estrangeiras e guerras civis, quando o estupro das mulheres dos vencidos se tornava habitual, haja estimulado o costume vexatório. A história da Índia setentrional é particularmente sangrenta e atingiu com fúria singular as mulheres e crianças. Tamerlão teria acumulado meio milhão de crânios numa pirâmide, após sua conquista de Delhi. Mohamed de Ghazni, um afegão, a ele se comparou em barbaridades. Foi a influência muçulmana que alastrou o *pardah*, pois este não existia anteriormente às invasões procedentes da fronteira do Noroeste – quando as mulheres indianas gozavam de grande liberdade e andavam seminuas. A prática generalizada do estupro em ocasião de conflito bélico persiste no Oriente, tanto quanto no Ocidente. Nas diversas guerras que opuseram a Índia e o Paquistão, assim como por ocasião da guerra de Independência do Bangladesh, em 1971, as tropas paquistaneses e indianas utilizaram largamente esse método de aterrorizar a população, por simples sadismo ou para fins de genocídio. O mesmo ocorreu durante os vários episódios de “limpeza étnica”, ocorridos na década passada na Iugoslávia em desintegração. Para ilustração de como as mulheres foram vitimadas pela violência sanguinária do século de genocídios, guerras totais e totalitarismos assassinos, inspirados pela ideologia nacional-socialista de esquerda e de direita, 170 milhões de vítimas ao todo, vide *Death by Government*, o último dos quatro estudos do professor R.J. Rummel (New-Brunswick, 1997). O Coletivismo fanático dos totalitários não conhece limites. Sua ideologia se converte em “religião civil” na linha de Rousseau mas, no Islã precisamente, a união do poder temporal com o poder espiritual conduz àquilo que melhor define o Totalitarismo.

Algumas feministas árabes, como a professora Amina Wadud Muhsin, atualmente professora na

Universidade da Virginia, argumentam que os homens se valeram de interpretações tendenciosas do Livro Sagrado para, nos últimos 1400 anos, limitar ou extinguir os sucessivos surtos de feminismo islâmico. Um livro que toca diretamente no problema é a história dramática, revelada por Jean Sasson, da Princesa Sultana, uma aristocrata da família real saudita: a opressão humilhante e tenebrosa que sofrem as mulheres sob o regime corânico, mesmo as de melhor educação e cultura européia, é ilustrada nessa obra de 1992. As revelações da princesa provam, pelo menos, que as mulheres islâmicas de maior cultura estão principiando a reagir contra os hábitos arcaicos que sua sociedade ainda alimenta. A luta se trava entre os muçulmanos já “modernizados”, segundo o paradigma de Atatürk, e aqueles que se prendem ao arcaísmo de seu tenebroso passado. Outro livro relevante, é de Khalida Messaoudi, uma argelina que, traumatizada pelo horror da guerra civil provocada pelos fanáticos islamitas, de um lado, e os não menos tolerantes militares do outro, publicou em França, em 1995, um relato de sua atitude “*Irredutível*” diante da tragédia. Khalida Messaoudi muito claramente coloca, na questão sexual, o cerne da reação fundamentalista que agita o mundo islâmico e extravasa sobre o Ocidente sob a forma terrorística. Ela alega que o Fundamentalismo, como qualquer movimento totalitário, deseja exercer controle absoluto sobre a sociedade, e se dá conta que a maneira de atingir seu propósito de dominação é exercer a repressão sobre a sexualidade feminina, coisa que o estilo patriarcal do Mediterrâneo facilita. “O que as mulheres representam é o desejo, a sedução, o mistério, o incômodo mas também a “alteridade”, que é imediatamente visível em seus corpos. É por isso que os islamitas se sentem tão ansiosos em esconder o corpo feminino, cobri-lo de véus, fazer com que as diferenças biológicas desapareçam dos sinais exteriores”. As mulheres que resistem, conclui a corajosa argelina, se tornam símbolos da Alteridade que o totalitarismo procura eliminar.

Recordemos que, no período anterior à II Guerra Mundial, muitos sociólogos e historiadores compararam o Islã ao movimento nazista e o Bolchevismo, pelo absolutismo e exclusivismo de suas atitudes dominadoras. O Islã constitui o baluarte mais obstinado da falocracia patriarcal. Contra os arremedos do feminismo, ele tenta manter a hegemonia masculina na estrutura da sociedade, dita tradicional. Acentuemos que, em outros países não-árabes da área, como a Turquia, a Malásia e a Indonésia, não podemos observar uma subserviência tão acentuada das mulheres. Quando o grande Kemal Atatürk quis modernizar seu país, concedeu às mulheres os mesmo direitos dos homens, invocando uma legislação ocidental – ou, mais especificamente, o Código Napoleão. Na Turquia e Paquistão mulheres já alcançaram a chefia do governo.

Outro aspecto odioso do fenômeno do machismo islâmico é o hábito, vigente no Egito, em grande parte da África negra e em alguns países árabes do Oriente Médio, de mutilação genital ou “circuncisão” do clitóris das meninas – uma prática destinada a dificultar a mastur-

bação ou eliminar a possibilidade de orgasmo quando se tornam mulheres. Embora se afirme que nada no Corão justifique o abominável costume, o fato é que dele sofrem uma multidão de mulheres. Fala-se na cifra de 130 milhões. Em 1996, o governo egípcio declarou imoral e ilegal a prática, depois de haver constatado que 70% das mulheres na área urbana e 95% no campo teriam sido submetidas a alguma forma de mutilação, a maior parte das vezes por métodos primitivos. A questão continuaria a ser discutida nos tribunais, em face da postura dos *ulemas*. Essa situação, em grande parte dos países islâmicos, cria um verdadeiro abismo com o Ocidente moderno. O assunto tem sido alvo de protestos por entidades internacionais, atentas aos direitos humanos e direitos da mulher. Uma reunião sobre o tema realizou-se em março de 1997 no Rio. A discrepância entre Ocidente e Islã poderá se tornar grave, pois daquele lado o exagero é diametralmente oposto.

Indiscutivelmente, agravados pelo episódio terrorista nos EUA, as teses sobre uma futura possível *apartheid* da área islâmica de cultura num mundo progressivamente mais aberto à globalização, levam grandemente em conta essas reações opostas no que diz respeito às conseqüências mais radicais da Revolução sexual.

Considerações Finais

Podemos acentuar que a seriedade da problemática criada pelos Fundamentalistas, como infensos à modernidade, reside na recusa obstinada a superar seu machismo patriarcal, seus ressentimentos e seus impulsos homicidas. Em nenhuma outra religião ou sociedade política (no Islam, elas se confundem) a resistência ao feminismo é tão tenaz. Mesmo na Igreja católica, é pouco provável que as injunções papalinas ainda persistam por muitos anos de *aggiornamento*. É um problema de rebelião contra a modernidade que poderá acarretar conseqüências funestas no futuro. A questão se relaciona, evidentemente, com o extremismo chauvinista do macho, sustentado em Escrituras religiosas arcaicas que agravam o dilema desses países quanto à integração à modernidade global – uma alternativa que poderá ser de árdua solução. Chego a acreditar que o Islam vai configurar, neste século, um dos maiores problemas políticos e sociais da Humanidade. Se a esta obstinada resistência à modernidade persistir e conduzir ao agravamento do fenômeno do Terrorismo de estilo “*haxixim*”, a *apartheid* islâmica poderá ensanguentar o mundo. Uma Jihad não está fora das cogitações.

